

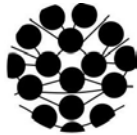
conexão
visuais
arres

MINC FUNARTE PETROBRAS



Interações Florestais

Residência Artística Terra UNA



**Interações Florestais
Residência Artística Terra UNA
2008**

**Ecovila Terra UNA
Liberdade, MG
Brasil**

nesta revista

- 3 P Conexão Artes Visuais
- 4 P Créditos
- 5 P Interações Florestais 2008
- 7 P A materialização das subjetividade por Domingos Guimaraens
- 9 P Discurso ou discurso político para intervenção artística por Julio Callado
- 11 P Criar um mundo, criar mundos por Cristina Ribas
- 13 P Guia de visitação do encerramento da residência artística 2008
- 16 P Mapa de intervenção e passeios em Terra UNA

artistas participantes

- 17 P Eduardo Verderame
- 18 P Elisabete Finger e Michelle Moura
- 19 P Floriana Breyer
- 20 P Guilherme Teixeira
- 21 P Hélène Delmonte
- 22 P Julio Callado
- 23 P Krishna Passos
- 24 P Maicyra Leão
- 25 P Manuela Eichner
- 26 P Otávio Avancini
- 27 P Rodrigo Braga

artistas do Conselho Interações Florestais

- 28 P Cristina Ribas
- 29 P Domingos Guimaraens
- 30 P Flavia Vivacqua
- 31 P Nadam Guerra
- 32....conteúdo do DVD

Conexão Artes Visuais

O Conexão Artes Visuais é uma parceria entre a Petrobras, a FUNARTE e o Ministério da Cultura. Nossa empresa, através do Programa Petrobras Cultural, contempla uma série de editais em parceria com a FUNARTE, abrangendo diversos segmentos de expressão artística. Assim, através de seleção pública, contribuimos para incentivar não apenas a produção de arte, mas também sua difusão.

Nosso país tem uma sólida tradição no campo das artes visuais. Gerações se sucedem, expressões de alta qualidade se consolidam num renovar constante. A Petrobras apóia a iniciativa da FUNARTE, cujo objetivo é justamente estimular a produção artística, sua difusão e, ao mesmo tempo, abrir espaço para o debate e o intercâmbio de idéias.

Em 2007, foram inscritos no Conexão Artes Visuais 285 projetos. Deles, 36 foram contemplados com o patrocínio da Petrobras. São distintas vertentes das artes visuais, propostas por artistas de diferentes gerações e dos mais diversos pontos do mapa brasileiro – a confirmar, uma vez mais, a riqueza e a diversidade da nossa criação artística, bem como sua abrangência geográfica. Temos, entre os projetos selecionados, mostras da criação artística do Acre e da Bahia, do Ceará e do Distrito Federal, do Paraná e do Maranhão, do Rio de Janeiro e de Sergipe, de Goiás e do Rio Grande do Sul – enfim, do país inteiro.

Ao apoiar, uma vez mais, a parceria com a FUNARTE, a Petrobras reitera seu compromisso com a produção, a difusão e o debate sobre as artes.

Maior empresa brasileira e maior patrocinadora da cultura em nosso país, a Petrobras entende que faz parte de sua responsabilidade social, de seu compromisso de empresa cidadã, apoiar iniciativas cuja abrangência não faz mais do que contribuir para o incentivo aos nossos artistas, e, ao mesmo tempo, contribuir para o resgate e a preservação da memória. Assim, estamos participando, junto com os artistas, os pesquisadores e o público, de um esforço coletivo para aproximar o nosso futuro.



Interações Florestais Residência Artística Terra UNA 2008

COORDENAÇÃO E IDEALIZAÇÃO

Cristina Ribas, Domingos Guimaraens, Flavia Vivacqua, e Nadam Guerra.
(Conselho Interações Florestais)

ARTISTAS PARTICIPANTES

Eduardo Verderame, Elisabete Finger, Floriana Breyer, Guilherme Teixeira,
Hélène Delmonte, Julio Callado, Krishna Passos, Maicyra Leão, Manuela Eichner,
Michelle Moura, Otávio Avancini, Rodrigo Braga.
Artista convidado: Peetsaa

ARTE GRÁFICA REVISTA, PÁGINA NA INTERNET E DVD

Nadam Guerra

ARTE GRÁFICA DO GUIA DE VISITAÇÃO

Rodrigo Braga

MAPA GUIA DE VISITAÇÃO

Eduardo Verderame

VÍDEO INTERAÇÕES FLORESTAIS 2008

Domingos Guimaraens e Nadam Guerra

FOTOGRAFIA ADICIONAL

Domingos Guimaraens, Julio Callado, Rodrigo Braga

CAPA

vale de Terra UNA, foto Nadam Guerra

REALIZAÇÃO

Associação Terra UNA

SÓCIOS DE TERRA UNA

Amanda Hipólito, Antonia Erian Ozório da Silva, Emmanuel Khodja, Diogo Alvin,
Flavia Vivacqua, Jaya Pravaz, John Harding, Lena Ferreira, Marina Dain,
Miriam Langenbach, Nadam Guerra, Taisa Mattos, Rodrigo Codevila Palma.

AGRADECIMENTOS

André Sheik, Divian Angee, Gisella Hiche, Luciana Costa, Lorena Marcondes de Moura,
Luiz Alphonsus, Mariano Marovatto, Pedro Birman, Yvonne Maggie e agradecimentos especiais aos
vizinhos Laércio, Lurdes, Roberto, Valdinei, Mathura, Parama, Radharupa, Radhakunda, Radhayoga,
Radhapada, Radhaina, Radhaprema, Radhashakti, Radhanama, Radhakrida.

Projeto Contemplado no Edital
Conexão Artes Visuais Funarte/MinC/Petrobras

INTERAÇÕES FLORESTAIS 2008

É com grande prazer que apresentamos o resultado da residência artística Interações Florestais na ecovila Terra UNA em Liberdade, Minas Gerais, uma das primeiras em contexto florestal. Durante 21 dias um grupo de 16 artistas de 6 estados diferentes do Brasil participou do programa de residência artística: Eduardo Verderame, Elisabete Finger, Floriana Breyer, Guilherme Teixeira, Hélène Delmonte, Julio Callado, Krishna Passos, Maicyra Leão, Manuela Eichner, Michelle Moura, Otávio Avancini, Rodrigo Braga, Cristina Ribas, Domingos Guimaraens, Flavia Vivacqua, e Nadam Guerra; sendo os quatro últimos idealizadores e organizadores do projeto, além de Nadam e Flavia serem também associados da ecovila.

Desde a concepção do projeto propusemos uma forma de estruturação autogestionada. O projeto foi inscrito no edital Conexão Artes Visuais com a proposta de ser uma convocatória pública, e não de curadoria pré-determinada, com o objetivo de demonstrar sua potência de gerar novas formas de organização e seleção. Com o projeto aprovado abrimos as inscrições e mais de 150 propostas nos chegaram via internet. Todo esse material está exposto no site www.terrauna.org.br. Durante um mês todos os inscritos puderam interagir virtualmente entre si comentando as propostas apresentadas. Depois deste período foram solicitados as indicações dos próprios inscritos que, somados às do conselho organizador, selecionaram 10 projetos para participarem da residência. Construímos assim um processo participativo desde o início e desenvolvemos um meio de seleção democrático, aberto e horizontal e auto-curatorial. Um processo que ainda tem como



legado a divulgação destes 150 artistas na internet. Durante o mês de inscrição nosso site recebeu 3.600 visitantes individuais, os projetos disponibilizados no site receberam mais de 46 mil visitas e foram trocados mais de 3 mil comentários sobre os trabalhos.

Na ecovila Terra UNA localizada na Serra da Mantiqueira, no sul de Minas Gerais, os 21 dias foram de muito trabalho, tanto de desenvolvimento dos projetos artísticos como na vivência diária da ecovila e no contato com a população local. Por acontecer em uma ecovila, mesmo que ainda em fase de implantação, a vivência foi permeada de princípios imprescindíveis a uma ecovila. Demos continuidade ao processo autogestionado, propondo também presencialmente a horizontalidade de relações com a vida comunitária e a liderança circular em que todos participam das escolhas e das dinâmicas de decisão sobre o processo. Praticamos o cuidado com todo o ciclo de consumo, fazendo-o de forma consciente, desde a origem dos produtos, privilegiando sempre que possível os alimentos orgânicos e os produtos locais; assim como destinamos os resíduos para compostagem, reutilização e reciclagem. Os artistas participaram de atividades de plantio além de harmonizarem todo o espaço e produzirem sua própria comida. Este contato com a terra e com o trabalho para prover as necessidades básicas promoveu uma grande interação entre o grupo, criando vários momentos de parceria e desenvolvimento de propostas coletivas. Tudo com a regência do tempo rural em contraste com o tempo urbano. Uma produção que está sempre ligada à maré do clima e às sensações da terra, tão distintas das que experimentamos nos grandes centros urbanos.

Cada um dos participantes realizou sua proposta, participou de outras e viveu a ecovila. E na volta para suas terras natais seguiram reverberando pelos caminhos. Aqui nesta publicação se materializam algumas destas reverberações em forma de texto, foto, vídeo, sons, experiências. Impresso, DVD, site e relações pessoais interagem para além da página impressa. Que a fruição dos processos criativos e de convivência de Terra UNA se manifeste no que aqui se imprime, nos olhos de quem as vê, nas mãos de quem as toca e além.

Agradecemos a todos que tornaram possível este sonho, principalmente a cada um dos artistas que se abriu para a troca e que fez parte da família Terra UNA.

Conselho Interações Florestais



A materialização das subjetividades

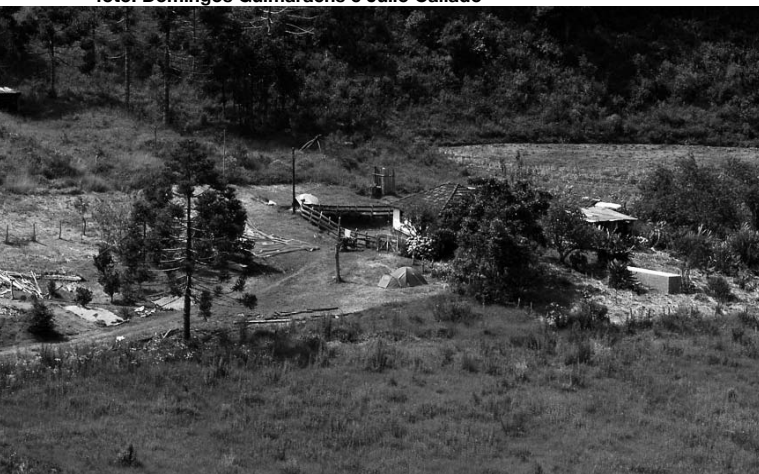
Domingos Guimaraens

Residir, ocupar, reocupar, construir, reconstruir. Palavras e movimentos que povoaram as experiências de interação do Interações Florestais. Quais as responsabilidades e potencialidades de quem pode reocupar e reconstruir? Talvez a vivência artística tenha indicado alguns pontos no horizonte de uma resposta possível. Principalmente quando perguntamos o que tem a arte com tudo isso. Que relações podem se estabelecer entre uma comunidade e uma ecovila em implantação e como um grupo de artistas pode contribuir com esse diálogo.

Considerando o pouco tempo de formação de Terra UNA na comunidade do Soberbo, uma relação produtiva já vem se estabelecendo entre a ecovila e comunidade local, como exemplo, dois moradores da ecovila dão aula em uma escola da região. Esta aproximação se refletiu em parte nos trabalhos de alguns artistas durante o processo de residência. Digo em parte porque em muitos momentos o diálogo se perde tanto do lado da comunidade local que recebe, via televisão, e herda, via tradição, uma concepção de arte que não é a que aporta vinda da cidade; como para nós artistas urbanos, contemporâneos, acostumados com o conforto de um mundo que nos percebe como tais e deslocados para um contexto onde outras linguagens precisam ser trabalhadas. No entanto, muitos encontros ricos surgiram como a visita de artistas da associação de artesãos de Liberdade e o encontro com trabalhadores locais como ferreiros e agricultores para a realização conjunta de trabalhos. Alguns exemplos destes encontros são os trabalhos de Julio Callado que caminhou por vias alternativas da região catalogando em fotos e relatos outras possíveis ligações entre casas e vilarejos, descobrindo lugares que mesmo a população local desconhecia e revitalizando trilhas e pequenas passagens que encurtam caminhos e que passaram a ser reutilizados pela comunidade. Um segundo encontro ocasionou o deslocamento do trabalho conhecido com finalidade definida (o fabricar de foices), para uma utilização mais lúdica das técnicas, quando os ferreiros Roberto e Lurdinha construíram letras de ferro no lugar das lâminas das foices resultando em “Corte”, pedaço da poesia paisagem (ou land-poetry)

convivência comunitária, vista geral e caminhada na floresta

foto: Domingos Guimaraens e Julio Callado



de minha autoria. O poder criativo da forja na mão e na técnica do ferreiro, que tem sua oficina no quintal da casa, transborda brasas de outras potências - materializando subjetividades.

Estes são apenas alguns exemplos pontuais de interação que o Interações Florestais proporcionou. Um processo que foi de “mão dupla” entre os artistas e também entre artistas e comunidade local. Percebi os processos criativos se retroalimentando, e um aprendendo com o outro a reocupar espaços e trabalhar outras linguagens. A Ecovila Terra UNA com seu projeto para novas possibilidades de assentamentos humanos vem descobrindo maneiras novas de se relacionar com o espaço, com a natureza, com as pessoas ao seu redor. Nós artistas, residindo por 21 dias numa região isolada e abandonada pelo fim do transporte ferroviário de passageiros e pela decadência da pecuária devemos também pensar em como reocupar estes lugares no limite do esquecimento, como muito bem anotado por Julio Callado em suas andanças. Reforço que existe uma potência na arte capaz de materializar subjetividades, construindo novos espaços para novas percepções do entorno. Criando novos códigos e resgatando outros, de tradições esquecidas, para a intercomunicação entre os seres. Uma reocupação, um residir, não teleológicos, pelo contrário, conectados com outras estruturas de relacionamento que tentam não repetir os modelos gastos aos quais estamos acostumados. Não um manifesto por uma arte messiânica e revolucionária, mas por uma arte que possa ser outra interface de contato com o que está a volta, um contato mais sensível com nossas subjetividades - sempre a materialização das subjetividades. A alegria é a prova dos nove.

Domingos, Roberto, Luquinhas e Lurdes
foto: Julio Callado



Descurso ou discurso político para intervenção artística

Julio Callado

A região da Serra da Mantiqueira vive atualmente num relativo estado de abandono. Há a falência da economia do gado leiteiro, que lentamente vai devolvendo os pastos à mata. Muitas propriedades se encontram desabitadas. Há também as iniciativas de preservação ecológica, que buscam manter a terra em suas dinâmicas naturais, reflorestamento, protegendo-a de novas economias extensivas. O abandono do sistema ferroviário também contribui para este estado generalizado. Toda a região, num passado recente, era intercomunicada por trens que levavam o comércio e as pessoas de uma cidade a outra, gerando uma vida social que contribuiu muito para o crescimento das cidades e arraíais da região. Lugares como Augusto Pestana, Carlos Euler, Passa Vinte, tiveram seus dias de glória com os trens de passageiros. Com o processo de privatização da mineração, na década de 1990, as estradas de ferro e os trens também foram privatizados. Toda a atividade ferroviária foi voltada e concentrada para a indústria mineradora, houve uma redução econômica do número de comboios a circular e a total extinção de todo o caráter social das ferrovias com o fim dos trens de passageiros. Lugares como Pestana se tornaram cidades fantasma. - Num certo dia o trem não passou, e sem nenhum aviso, nunca mais passou. O trem ritmava a vida destes lugares, e sem o trem, o tempo parou. Todo este contexto de abandono, cria uma espécie de suspensão do tempo e do espaço. Um espaço em aberto, em potencial; um espaço em descontinuidade com os ritmos ditadores das cidades. Um espaço para se reinventar. É um momento que propõe uma reocupação e a reflexão sobre os modos de reocupação. O turismo é sem dúvida uma grande promessa, mas o turismo de consumo e entretenimento, que geralmente se produz nos interiores do Brasil, pode ser ainda mais prejudicial que as economias tradicionais; não só para o meio-ambiente, mas principalmente para as culturas e dinâmicas sociais locais. É justamente neste período de transição, quando os espaços se encontram desterritorializados, que a arte encontra uma grande potência como agente reterritorializante. Um espaço em aberto que pode ser reinventado com poesia. Um mapeamento que se utiliza das sensações e sentidos, estórias e causos, lendas, afetos entre os habitantes, conhecimentos locais,

capela do povoado de Soberbo e visita a estação de trem abandonada em Augusto Pestana.
fotos Julio Callado e Cristina Ribas



arte, vida, etc... Buscar formas mais autônomas de territorialização, que possam propor outras maneiras de reconhecimento e construção de sentidos sobre o espaço, e sobre todo o contexto sócio-ambiental. Que não sejam mais os parâmetros e códigos técnico-científicos centralizadores, que buscam sempre a subordinação destas áreas ditas periféricas, em relação às áreas centrais e urbanas. Uma resposta poética, estética, sensível, afetiva e corporal aos aparelhos territorializadores, como GPSs e Google Earths, que reiteram diariamente a manutenção da grade mercatoriana sobre a Terra; dando continuidade ao sistema de dominação e aprisionamento dos espaços, sob a égide do mercado imperialista global. São nesses espaços, temporariamente abandonados pelos impérios, que práticas nômades e bárbaras podem acontecer com relativa liberdade. Longe dos olhares panópticos e ditadores dos bigbrothers da Babilônia, os alquimistas estão chegando! Se nós artistas não ocuparmos estes espaços, em breve, com certeza, o exército e a polícia, as políticas higienistas, a televisão e a internet, e toda a sorte de bujangangas e lixos pós-industriais, o farão.

Ocupar! Resistir! Produzir!

Eis o que temos em nossas mãos.

Maicyra e Manuela em performance em Augusto Pestana
fotos Julio Callado



Criar um mundo, criar mundos

Cristina Ribas

Quando grande parte do grupo chegou, viajando desde diversas capitais do país e depois, deslocadas a partir de São Paulo e Rio de Janeiro, os carros chegaram na terrinha sincronizados. Pela primeira vez juntos, rapidamente formamos um círculo, imagem do mundo que iríamos constituir nos dias à frente. Emoção nos olhos de reconhecer que o desejo do outro encontrara um comum. Vontade partilhada de habitar o espaço considerando toda sua espessura: natureza brilhante. No dia a dia, aprender a mágica dos elementos. Fazer arte, fazer o fogo, fazer o pão. Entender o tempo de cada matéria disponível e sua energia. Um morador da Ecovila disse-nos “conhecimento também é energia” - energia em sentido amplo que seria descoberto durante a permanência ali.

Na construção de uma Ecovila conhecimentos diversos são somados porque o que é desejado - e necessário hoje - é dar conta das adversidades da vida, melhor dizendo, da manutenção da vida, com responsabilidade. Mas o que isto tem a ver com arte? Em linhas gerais, um objetivo das Ecovilas é buscar novas formas de estar-no-mundo e relacionar-se a ele, sendo uma alternativa às realidades ambientais muitas vezes impensadas dos espaços urbanos. Um teórico desta área, Henri Lefèbvre, escreveu na metade do século passado que há, contudo, uma “revolução urbana” que temporaliza a vida no campo e a condiciona a dispositivos “importados” das cidades. Um desafio que as Ecovilas enfrentam não para reverter os processos da cidade retificando sua existência, e sim para criar condições em uma escala humana em outro lugar, passível de ser abraçada, percorrida, descoberta. Criar uma Ecovila no indistinto do mundo, perpetrado economicamente, parece ser um desafio semelhante a criar a arte (re)conectada com os sentidos.

A criação é uma energia neste processo. Ela não é exclusiva aos artistas, é antes uma ferramenta comum, capacidade de invenção. Em formas de trabalho cooperativas, as capacidades se misturam, e se confundem, tal como na Ecovila. No trabalho-feito-coletivo há uma frutificação de modos de ser-na-mata, no campo e nas serras de Minas Gerais que renova a rotina premeditada do trabalho nas cidades grandes, em que muitas vezes a compartimentação dos espaços, das práticas e dos saberes segrega as pessoas em ambientes pouco criativos. Alguns artistas, bem por isto, levaram à dimensão do corpo a experiência de contato com o lugar, se embrenharam na paisagem para compor com o barranco, o céu azul, a plantação - Michelle Moura e Elisabete Finger. Rodrigo Braga por sua vez criou cenas surreais com frutas compradas na fazenda vizinha, com uma serra antiga e uma pele de vaca emprestadas do ferreiro Roberto. O deslocamento espacial ressignificado pelos códigos visuais e táteis explorados pelos desenhos arbóreos de Eduardo Verderame (o lugar se converteu em um atelier) e pela fogueira que esmorecia tragicamente lembranças, histórias, vidas alhures no forno de fabricar carvão.

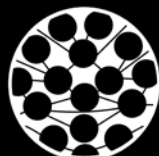
Descobrir-se outro, descobrir-se no outro, e com o outro foram exercícios da vivência coletiva. Ali não era possível lidar com padrões preconcebidos e reproduzidos - padrões espaciais, temporais, religiosos, particulares. Os processos de subjetivação possíveis nesta esfera adversa são tão infinitos quanto os espaços a serem espessados pelos corpos criativos, conciliação que dissolve as qualificações espaciais da cidade e do campo. Os processos colaborativos se tornaram recorrentes nos últimos anos na

realização em arte. As obras, tornadas abertas fundem em um movimento turbilhonar a criação e a fruição, apostam em participações fragmentárias e desestabilizantes daquela mesma “zona de conforto” subjetiva de que se fala nas Ecovilas, dada a condição de invenção perpetrante, constituinte dos objetos artísticos em (i)materialidades tangíveis, cambiáveis, experimentáveis. A capacidade da obra de arte de afetar é toda sua potência. Desta forma percebo o “Jogo interativo” de Hélène Delmonte, realizado a partir de palavras trocadas durante a Residência, baseado na constituição de novos sentidos sempre em coletividade; as máscaras performatizantes de Manuela Eichner que nos convidaram ao contato corporal, à imaginação à luz do dia, a um retrato em família que abraça a diversidade dos faunos e borboletas que podem aflorar no espaço da criação; e, por fim, a mudez desafiante de Maicyra Leão que nos solicitava silenciosos e pacientes, olhos fixos nos seus e um novo vocabulário comum que não estava baseado na pré-concepção de palavras e objetos, mas nos gestos e na construção dois-a-dois de sensibilidades comuns. Todos tinham gestos que eram desenhos de si, e traduziam, uns para os outros, a palavra não dita, mas que não poderia ser perdida. A palavra era uma emoção. Assim também o gesto. Assim um novo mundo.

Ao final do projeto, abrimos as portas para as visitas e nosso grupo cresceu seu círculo. Os artistas, e também os passantes, se tornaram suporte de um novo saber e de um novo mundo. Cada um à sua maneira, envolvido do que lhes foi ofertado, levou para seus lugares a malha bem forte de uma rede que não começara ali, mas que ali certamente se reforçara com a natureza presente plena de proteção, expiração e inspiração. Na urgência do tempo, e na espera do tempo, não se pode perder de vista a memória do acontecido, as anotações para o futuro (também do projeto) e a continuidade das coletivizações, daquele gesto perdido, daquele conflito e daquela dança que não cessam de pedir um novo encontro para criar outros mundos.

Primeira reunião com os participantes foto: Rodrigo Braga





Interações Florestais

Residência Artística Terra UNA



Guia de visitação

Residência artística: 10/02 a 02/03/2008

Visita o: 29/02 a 02/03/2008



TERRA UNA
Un o Natureza e Arte
www.terrauna.org.br

Orientações

Harmonia

Colabore com as tarefas cotidianas.

[coleta de lenha, limpeza dos banheiros e da cozinha, feitura do pão, etc.]

Usou, Lavou!

Usou, Guardou!

Não fumar nos espaços comuns. Escolha um local afastado e leve consigo as bitucas / guimbas.

Lixo

Atenção aos diferentes tipos de lixo: coloque cada um no seu devido lugar.

O lixo é separado para reciclagem e há composteira para o lixo orgânico.

Fraldas, absorventes e preservativos, assim como pilhas ou baterias são de responsabilidade dos usuários que devem levar este material de volta consigo para a cidade.

Atenção com os Insetos!

Bater os sapatos antes de calçá-los e manter a barraca sempre fechada.

Água

Aproveite os banhos energizantes das cachoeiras e economize a água quente!



Artistas

Cristina Ribas (RS)
Domingos Guimaraens (RJ)
Eduardo Verderame (SP)
Flávia Vivacqua (SP)
Floriana Breyer (SP)
Guilherme Teixeira (SP)
Hélène Delmonte (MG)
Júlio Callado (RJ)
Krishna Passos (DF)
Maicyra Leão (DF)
Manuela Eichner (RS)
Michelle Moura e
Elisabete Finger (PR)
Nadam Guerra (RJ)
NGDG (RJ)
Otávio Avancini (RJ)
Rodrigo Braga (PE)

Atividades

Sexta

10h - Circuito com Julio Callado
visita a Laércio e Januário
13h - Almoço
15h - Circuito com Julio Callado
visita a Celso e Zé
19h - Janta e acolhida
20h - Jogo interativo de
Hélène Delmonte
21h - Ação Templo do
Esquecimento de
Eduardo Verderame

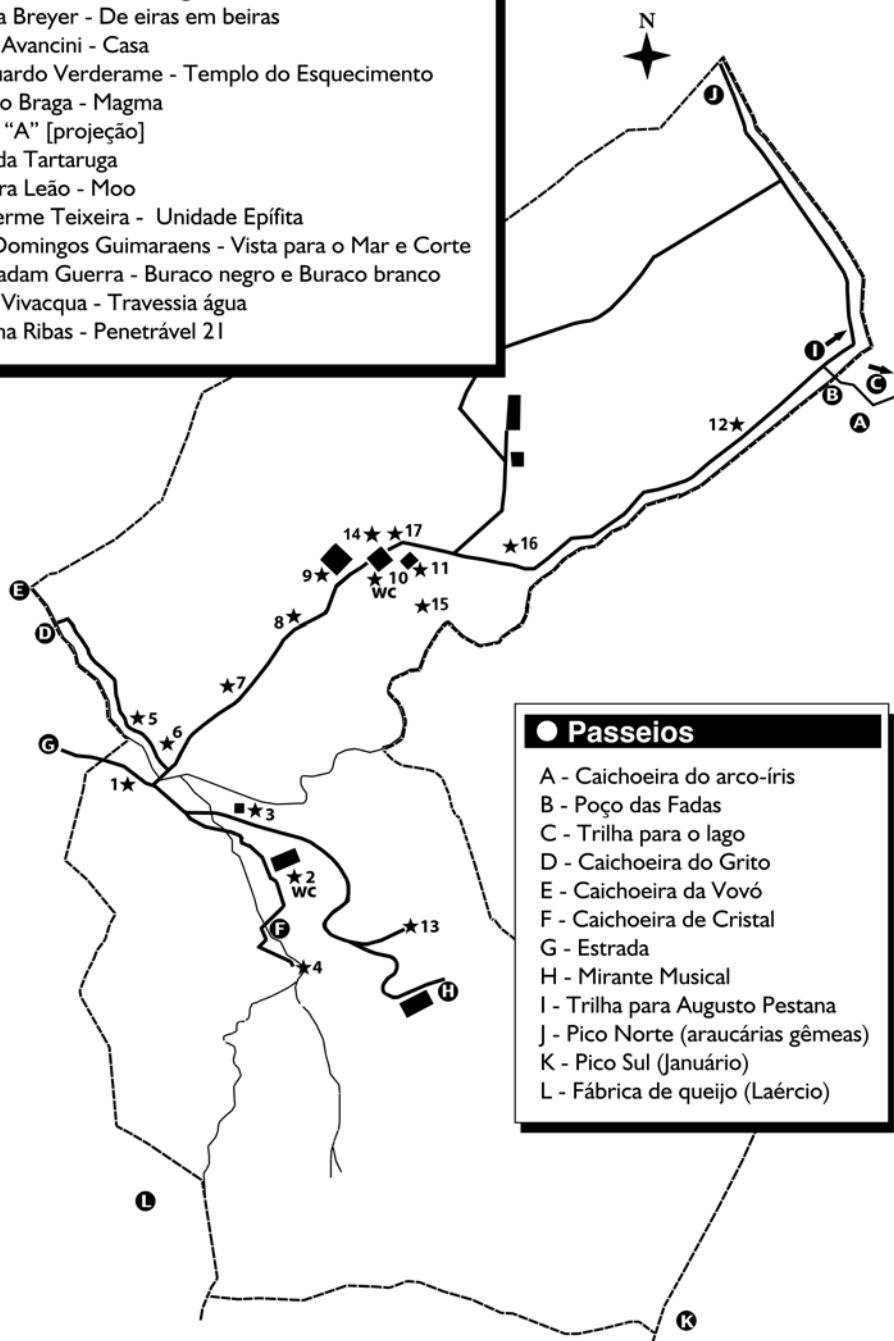
Sábado

09h - Café da Manhã
07h às 13h - Circuito
com Julio Callado
visita a Augusto Pestana
13h - Almoço
17h30 - Jogo interativo de
Hélène Delmonte
19h - Janta
20h30 - Mostra de
vídeos, fotos e processos
(projeção no Galpão "A")



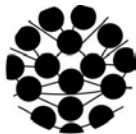
★ Legenda intervenções

- 1 - Michelle Moura e Elisabete Finger - Discreta prática
- 2 - Casa da Borboleta
- 3 - Krishna Passos - Paiol Louge
- 4 - Floriana Breyer - De eiras em beiras
- 5 - Otávio Avancini - Casa
- 6 e 7 - Eduardo Verderame - Templo do Esquecimento
- 8 - Rodrigo Braga - Magma
- 9 - Galpão "A" [projeção]
- 10 - Casa da Tartaruga
- 11 - Maicyra Leão - Moo
- 12 - Guilherme Teixeira - Unidade Epífita
- 13 e 14 - Domingos Guimarães - Vista para o Mar e Corte
- 15 e 9 - Nadam Guerra - Buraco negro e Buraco branco
- 16 - Flavia Vivacqua - Travessia água
- 17 - Cristina Ribas - Penetrável 21



● Passeios

- A - Caixoeira do arco-íris
- B - Poço das Fadas
- C - Trilha para o lago
- D - Caixoeira do Grito
- E - Caixoeira da Vovó
- F - Caixoeira de Cristal
- G - Estrada
- H - Mirante Musical
- I - Trilha para Augusto Pestana
- J - Pico Norte (araucárias gêmeas)
- K - Pico Sul (Januário)
- L - Fábrica de queijo (Laércio)



Eduardo Verderame

1971, São Paulo-SP



O Templo do Esquecimento

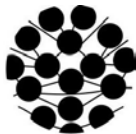
‘O Templo do Esquecimento’ é uma lenda que aparece em algumas narrativas da antiguidade. Quis usar essa idéia para o projeto Interações Florestais e fazer uma instalação que funcionaria como um templo. A idéia central seria conseguir objetos que as pessoas quisessem se desfazer e incinerá-los numa performance ritualística. O fogo seria o elemento purificador e libertador da memória e da história individual de cada participante. Todos os participantes da Ecovila seriam convidados a interagir com o templo, levando objetos, mensagens, desenhos ou o que desejassem.

Essa foi a carta que enviei convocando os interessados:

“Olá a todos,

Estou desenvolvendo um projeto colaborativo e gostaria de convidá-los a enviar objetos, cartas, fotos, lembranças, escritos, desenhos, relatos, etc, para a construção do ‘Templo do Esquecimento’. Os objetos enviados serão queimados no fim do processo. Os que quiserem doar objetos em caráter anônimo ou sigiloso deverão indicá-lo por escrito.”

O Projeto foi realizado na ecovila Terra UNA e diversas fogueiras foram realizadas a partir do dia 10 de fevereiro, sendo o dia 29 o escolhido para a maior delas, em um forno construído dentro da terra.



Elisabete Finger e Michelle Moura

1980, Curitiba-PR / 1979, Joinville-SC. Moram em Curitiba, PR

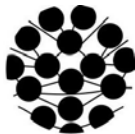


Discreta prática para plantio, barranco e céu

Em Terra UNA lançamos mais uma vez a questão “O que me move a me mover?”, como propulsora de situações práticas.

Estar em um lugar específico (um barranco, um plantio de girassóis e amarantos, um recorte de céu), observar as urgências, sensações, posturas e engajamentos corporais sugeridos ou determinados por estes pedaços de espaço. Situações performativas foram desenvolvidas a partir da proposta de se colocar como ‘mais um corpo’ nesses ambientes. Mimetizar-se, estabelecer com a paisagem relações de pertencimento e ao mesmo tempo de estranhamento. O corpo transformando o lugar e sendo transformado por ele em fusões, encaixes, prolongamentos. Gerar fricções com o meio, propondo imagens-ficções, com o potencial de tecer relações imaginativas numa poética não-narrativa.

O resultado são fotografias intituladas “Discreta prática para plantio, barranco e céu”.



Floriana Breyer

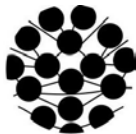
1982, Porto Alegre-RS. Mora em São Paulo, SP

Colaboração: Peetsaa



De Eiras em Beiras

Tocar com amor. Pertencer. Fazer parte. Foram algumas das respostas que me chegaram para a pergunta “O que é habitar um lugar?”. Desde Terra Una me parece fundamental a prática da escuta e da disponibilidade. Disponibilidade para sair de nossas zonas de conforto e experienciar cada novo lugar como morada. Ouvir no canto de cada canto um aconchego e prepara-se para incorporá-lo. O convívio com os residentes foi maravilhoso, mas me era necessário escalar árvores, vivenciar copas, águas e pássaros. Reforços alpinistas chegaram e o projeto passou a ser gerido em colaboração com uma espécie rara, de origem Okinawa. Assim “de eiras em beiras” passamos a procurar um espaço que nos convidasse a interação. Uma árvore à beira d’água nos recebeu de galhos abertos. A companhia dos pássaros foi constante dados os secretos cachos entre as folhas. Para além das copas, vizinhos humanos compõem a biodiversidade da Mantiqueira e as poucas, mas não menos intensas, visitas que pude fazer contagiaram todo processo da prática do habitar local. Recortes destes detalhes configuraram a ocupação afetiva do espaço. A imersão no ambiente natural e o olhar sensível a forma de habitar orgânica, revelou uma teia de relações interdependentes, estimulando a criação de uma estrutura geodésica que mimetiza cadeias moleculares e trabalha em conjunto para o equilíbrio e a sustentação. Os bambuzais forneceram o substrato para a ocupação estrutural suspensa.



Guilherme Teixeira

1977, São Paulo-SP



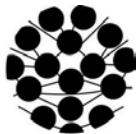
Unidade Epífita

O Projeto Unidade Epífita constitui-se da construção e utilização de uma estação de trabalho suspensa, que permita aos artistas o trabalho de estúdio, imerso no ambiente florestal, causando o mínimo impacto ao meio natural.

A unidade funcionará como um estúdio de uso comum, portanto poderá ser utilizada por qualquer artista residente ou morador da região desde que respeitando os procedimentos de segurança. O espaço contará com uma infra-estrutura mínima de ateliê, podendo ser usado para pintura, desenho, estudo, observação, ou registro áudio-visual.

As plantas epífitas características de florestas tropicais, crescem sobre outras plantas e ao armazenar água criam pequenos habitats, possibilitando a reprodução e a alimentação de diversas espécies animais. O projeto Unidade Epífita pretende criar um ambiente propício aos artistas interagirem com a floresta e se relacionarem entre si.

Para a realização do projeto serão utilizadas técnicas e equipamentos de segurança utilizados na prática de arborismo.



Héliane Arthur Delmonte

1960, Rio de Janeiro-RJ. Mora em Itamonte-MG



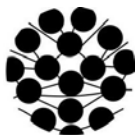
Jogo Interativo

Imersão profunda!

Tempo para pesquisar técnicas, elaborar idéias, confabular, interagir... entremeando com tarefas de vivência básica: colher e cozinhar alimentos, arrumar a casa, fazer pão, comer, dormir, acordar; práticas de yoga; caminhar... banhar-se em águas agradavelmente frias... esfriar a cabeça, pôr o pé no chão, alinhar corpo-mente, inspiração... Tomar consciência da ação realizada – passado; em transformação – presente; e ... (reticências) – futuro.

Vice-versa: O novo para mim é cotidiano para outros. Há tempos assumo uma trajetória de pesquisa-interação-expressão que perpassa pela vivência na roça (serra). Em Terra Una, o convívio com artistas de expressões variadas possibilitou o resgate conceitual desta vivência artística.

O JOGO INTERATIVO em Terra Una teve a própria residência como elemento central. A VELHA E A CACHOEIRA tornou-se uma apresentação virtual (sensibilização, fonte de inspiração e pesquisa em novas partidas do JOGO). Agora, INÍCIO DE CONVERSA propõe o JOGO como construção coletiva na busca de referências locais e socialização do conhecimento.



Julio Callado

1981, Rio de Janeiro-RJ



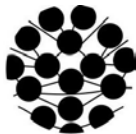
Movimentos nômades periféricos

proposta para ações ambulantes

A malha rodoviária é construída de forma centralizadora. Desta maneira, comunidades periféricas, acabam se isolando umas das outras, mesmo quando se encontram próximas geograficamente. No entanto, existem caminhos que fogem a esta regra hegemônica, trilhas que atravessam descampados, florestas, vales e montanhas, oferecendo uma experiência viajante, onde o corpo é o principal motor desta viagem.

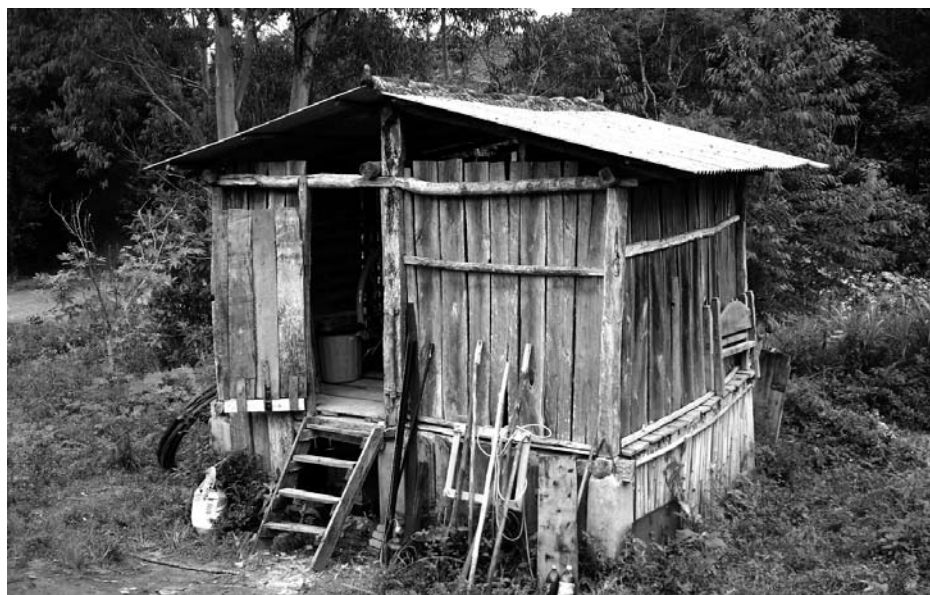
Minha proposta é promover caminhadas coletivas por trilhas que conectem estas comunidades; gerando uma vivência de conhecimento sobre a região, sua geografia e ecologia, políticas e economias, movimentos e velocidades; estimulando relações de trocas entre os participantes. Uma experiência perceptiva, afetiva, ativa, pensante, física e semiótica, capaz de compor uma rede autônoma entre os povoados e indivíduos envolvidos.

Como desdobramento, refletir e expressar a ação ambulante, compondo um dispositivo mapa, aberto, conectável em todas as suas dimensões, suscetível de receber modificações constantemente. Projetar linhas de intercâmbios periféricos, que potencializem um movimento em rede, não apenas do centro para a periferia, nem da periferia para o centro, mas principalmente da periferia para a periferia.



Krishna Passos

1976, Barra Mansa-RJ. Mora em Brasília-DF



Dos som das imagens da experiência das imagens dos sons

Motivado por uma forte e antiga ligação pessoal à música, ao cinema documental e à prática em edição de vídeos, propus uma experiência de “Composição [experiência sonora] Imersiva” a partir de documentações sonoras em Terra UNA, seu ambiente, seus moradores, visitantes e arredores para gerar uma composição com *lop's* e *sampler's* de músicas, ruídos e sons captados por lá, trazidos da cidade, ou de outros recantos. Uma recombinação, uma espécie de paisagem-documentário sonoro musicado.

Em 21 dias, muita chuva, lama, descobertas, experiências e aprendizados, pessoais-coletivos, tão intensos quanto um raio que possa nos atingir. Trabalhando junto aos participantes que contribuíram fornecendo diariamente parte da “matéria prima” para o processo surgiu além da série sonora contida aqui o “Paiol Lounge”, uma instalação sonora tocando parte dessas composições, em seu interior incensos, almofadas, esteiras, tapetes, luzes azuis e roxas que cintilavam durante a noite.

Inegavelmente com o retorno à cidade o processamento, assimilação e a reorganização das mais 40 horas de gravações infelizmente é afetado pelas demandas que a vida e a rotina impõem, optei então por partes mais contínuas simples e impessoais.

Apresento-lhes agora, com a colaboração dos que aqui estão audíveis e presentes em memória e som, uma segunda etapa desse processo-investigação que não finda. Convido-lhes então a experimentar essa “Composição [experiência sonora] imersiva”, processamento e recombinação.



Maicyra Leão

1982, Aracaju-SE. Mora em Brasília-DF

Para chegar a Terra Una, fui de avião até o Rio de Janeiro e distribuí o panfleto abaixo no saguão de embarque e dentro do avião:

Meu nome é Maicyra e estou indo para uma Residência Artística, numa ecovila, no interior de Minas Gerais. Lá irei conviver com outros 40 artistas, que não conto, por 19 dias, comendo comida ovo-lacto-vegetariana. Durante esse período ficarei muda. Não pronunciarei nenhuma palavra ou som. No dia 3 de março, às 21hs, retornarei do Rio de Janeiro a Brasília, no voo 2082 da Varig.

Gostaria de compartilhar com vocês minha primeira vez após esse silêncio. Peço que sejam testemunhas de meu ato neste dia, horário e local.

Com sinceridade,
Maicyra Leão

No avião de volta a Brasília, distribuí:

HÁ 19 DIAS, DISTRIBUI ESTE BILHETE:

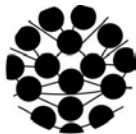
Meu nome é Maicyra e estou indo para uma Residência Artística, numa ecovila, no interior de Minas Gerais. Lá irei conviver com outros 40 artistas, que não conto, por 19 dias, comendo comida ovo-lacto-vegetariana. Durante esse período ficarei muda. Não pronunciarei nenhuma palavra ou som. No dia 3 de março, às 21hs, retornarei do Rio de Janeiro a Brasília, no voo 2082 da Varig.

Gostaria de compartilhar com vocês minha primeira vez após esse silêncio. Peço que sejam testemunhas de meu ato neste dia, horário e local.

Com sinceridade,
Maicyra Leão

HOJE RETORNO...

Durante a residência em Terra Una, me mantive sem falas, assim como descrito no panfleto, com cinco momentos de eclosão impetuosa. Estivei disposta ao silêncio e a ouvir. Busquei experiências e formas de articulação e relação para além-texto e discurso.



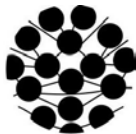
Manuela Eichner

1984, Arroio do Tigre-RS. Mora em Porto Alegre-RS



Terra ao avesso.

Ir para a residência foi estranho pois se ver indo a um lugar-desconhecido onde irá ficar um tempo realizando uma experiência artística é sempre uma situação muy misteriosa. Olhos de quem espera afirmar a experiência e apostar na intensidade das relações. Ir-a-través-de: Criar uma atmosfera da visão onde haja subversão dos valores através do deslocamento completo da óptica, da perspectiva e da lógica. Era el cine do A. Artaud que me fazia pensar como é foda a coragem de seu pensamento. Na paisagem da Mantiqueira redescobri uma natureza tão profunda e verdadeiramente infinita. Lembrei de muitas coisas da infância, talvez porque nasci no interior ou porque simplesmente a mente ficou esvaziada e propiciou uma relação mais clara com o tempo. O bom mesmo foi que ninguém ficou falando de arte mas sim fazendo-a. Queria uma experiência de descondicionamento. Comecei a brincar com espelhos respigados e desvendar reflexos e inversões na atmosfera. Uma coleta de imagens por onde a brisa leva os braços ao movimento que irá traçar as possibilidades de imagem. Imagem como tudo aquilo que transparece ao toque dos olhos e perpassa a pele. Aí começou o trajeto para formar um filme indeterminado com composição e experiência coletiva. UNANU, uma sucessão de estados de espírito onde relaciono este tempo vivenciado pela experiência física da construção de imagens na paisagem com a memória. A experiência não aparece como a busca de um novo objetivo, implica o contrário: um eclipse e uma suspensão. As mais importante são aquelas que não nos pertencem, que não pertencem ao sujeito, senão a todos. arte se procura no tempo, M.



Otávio Avancini

1968, São Paulo-SP. Mora no Rio de Janeiro-RJ



From: Otavio Avancini

To: Domingos

Wednesday, June 9, 2008 10:31 AM

RE: Texto

Oi, eu não quero escrever sobre terrauna, para mim como artista as imagens falam por si, espero que vocês concordem. A construção da árvore foi de um rito forte que se basta por si só, não quero criar nenhuma releitura do que foi vivido, pois a raiz foi escavada, busco sempre ser muito verdadeiro com o meu trabalho, se escrever este texto estarei forçando uma barra, penso que todos nós queremos o mais verdadeiro de cada um de nós. beijo. Otávio

Wednesday, June 11, 2008 12:53 PM

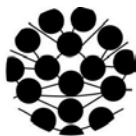
RE: Texto

Olá Otávio, te entendo perfeitamente às vezes palavra e imagem não se misturam mesmo. Tudo bem se você não quiser por nenhum texto. Mas nem nada descritivo? Algo como: “durante os 20 dias da residência trabalhei o projeto pé de pé na raiz de uma árvore caída às marges do rio.” Só para situar quem é de fora. Mas se preferir deixar sem texto tudo bem, a escolha é sua, grande abraço! DG

Friday, June 13, 2008 2:23 PM

RE: Texto

Tive uma idéia, na minha visão terra una é todo o processo de comunicação: por email, estadia na Serra da Mantiqueira, em Soberbo MG. então nossas conversas para a feitura do texto são o texto. Para mim como artista foi feito o melhor resultado em conjunto, pois Terra UNA fala de relação, de troca, de meio termo, das necessidades de cada um, de limites e respeito, espero que goste, beijo grande. Otávio



Rodrigo Braga

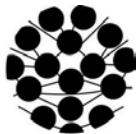
1976, Manaus-AM. Mora em Recife-PE



Paisagens

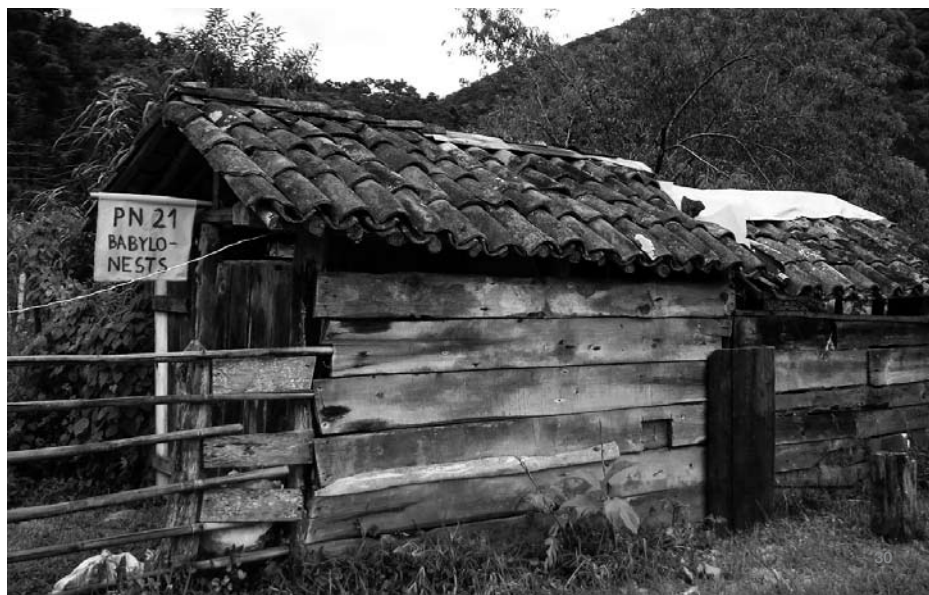
A realização de uma nova produção em ambiente natural foi por mim muito desejada. Individualmente já tinha escrito um projeto desejando lançar-me, por certo período de tempo, na Zona da Mata pernambucana para a criação artística longe da cidade e suas infinitas demandas. Embora tenha feito pequenas incursões no meio rural esse projeto nunca foi realizado por inteiro. No entanto, dei-me por satisfeito com a residência artística em Terra Una.

Ao ser selecionado para as intensas três semanas na Serra da Mantiqueira pude dar continuidade a uma pesquisa poética já presente em meu trabalho há alguns anos. Chegando na imensidão da paisagem apenas com minha câmera fotográfica e o fio condutor que trazia de trabalhos anteriores, pude experimentar o entrelaçamento entre minha percepção sensível e as imensuráveis forças que aquele lugar habitam. Perceber-me pequena parte moldada pelo tempo e espaço da natureza e, ao mesmo tempo, buscar sobrepôr-me criativamente àquele meio já repleto de significados, foi realmente uma experiência surpreendente sob os pontos de vista artístico e pessoal. Algo para além das imagens fixadas nas fotografias que gerei.



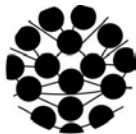
Cristina Ribas

1980, São Borja-RS. Mora no Rio de Janeiro-RJ
Conselho Interações Florestais



Penetrável 21 Babylonests Terra UNA

Durante a residência realizei uma intervenção na casinha do “banheiro seco” da Casa da Tartaruga. O projeto foi concebido com referência aos “Penetráveis” do artista Hélio Oiticica (em meados de 1970). O Penetrável 21 é um desdobramento destes ambientes vivenciais (não considero este trabalho de autoria individual, mas em colaboração com o artista referendado). A proposta da residência, com duração de 21 dia era constituir um tempo/espaço de moradia coletiva e aprendizagem. O “banheiro seco” é uma alternativa aos banheiros molhados comuns das cidades, nos quais as fezes humanas são jogadas diretamente na água, causando um problema ambiental! No “banheiro seco” as fezes são misturadas com serragem e depois viram adubo orgânico, a experiência é então diferente. Na necessidade de fazer divisórias no espaço, tornando-o de uso simultâneo para duas pessoas, usei tecidos de cores e texturas diversas: amarelo, tecido de chita, canelado. Também bambus e linhas de costura coloridas. Coloquei um lona amarela no teto, no espaço de uma telha que faltava. Sinalizei com uma placa em tecido: “PENETRÁVEL 21 BABYLONESTS TERRA UNA”. Foram agregados novos sentidos ao ambiente funcional, transformando-o em um local de experimentação da sensorialidade do “banheiro”, podendo, possivelmente, exceder a apreensão espacial para além do uso ao qual é premeditado.



Domingos Guimaraens

1979, Rio de Janeiro-RJ
Conselho Interações Florestais



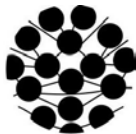
Poesia Paisagem

Nesta série de poemas paisagem palavras são desenhadas na matéria do mundo.

Os Sentidos das letras, das palavras, da matéria e da paisagem se sobrepõem gerando vibrações que vão além do texto e além da imagem.

Foram realizadas cinco intervenções na paisagem cada uma independente da outra: “Onde” escrito na lama, “Nenhum caminho” escrito na estrada, “Corte” escrito com letras-foices manufacturadas pelo ferreiro Roberto vizinho de Terra Una, “Meu” escrito no fundo do rio, e “Mar” escrito em cerca de 200 metros quadrados de pastagem. Juntas esta obras formam o “hai kai”:

onde
nenhum caminho
corte
meu
mar



Flavia Vivacqua

1975, São Paulo-SP

Conselho Interações Florestais

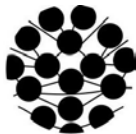


Travessia Água

De Terra UNA como ponto de partida, ao encontro com as águas, riachos, cachoeiras, lago, de Liberdade/MG.

Descalça. Caminhando e sendo levada. Estar sendo. O invisível. Sensações. Ser estando. Vestida pela transparência de um vestido branco que remete aos antigos, de um imaginário onírico. Narrativa vivenciada. Mortes simbólicas. Sentido pleno do ambiente.

Ser sensório-ambiental.



Nadam Guerra

1977, Rio de Janeiro-RJ
Conselho Interações Florestais



Duas terras

Cavo buracos.
Revelo camadas ancestrais.
Volto no tempo da terra
a dias remotos quando não havia gente,
nem bicho, nem árvore.

Entro na terra.
Estou hoje e ontem.

Danço a intemporalidade dos antepassados.
Danço a potencialidade das próximas gerações.

Sou e estou, faço parte.

Duas terras é uma vídeoperformance realizada com a animação de fotografias.
Dois buracos foram cavados e habitados.
Em cada buraco uma terra.
Para cada buraco uma vida.



Neste DVD:

Vídeo de apresentação Interações Florestais 2008. 14'
Vídeo de apresentação resumido. 3'
Imagens de Terra UNA. Fotografias

Obras dos artistas:

Eduardo Verderame

▶ O templo do esquecimento.
Ação. Registro fotográfico: Cristina Ribas, Domingos Guimaraens, Eduardo Verderame, Rodrigo Braga

Elisabete Finger e Michelle Moura

▶ Discreta prática para plantio, barranco e céu. Fotografia/performance

Floriana Breyer

▶ De eiras em beiras. Instalação.
colaboração: Peetsaa
Registro fotográfico: Floriana Breyer e Peetsaa

Guilherme Teixeira

▶ Unidade epífita. Instalação
▶ sem título. Performance. Registro fotográfico: Domingos Guimaraens

Hélène Delmonte

▶ Jogo interativo. Ação. Registro fotográfico: Domingos Guimaraens, Hélène Delmonte e Rodrigo Braga

Julio Callado

▶ Diário de tênis. Fotografia
▶ Quase lugar. Fotografia
▶ Travessia. Fotografia
▶ Tarde em fuga. Vídeo, 10'30"

Krishna Passos

▶ A caminho do vô.
Áudio 1'35". Voz: Maicyra Leão
▶ Ares da manhã, Catingudo para raio.
Áudio 3'42". Vozes: Tripulação do vô 3599 e Radharupa

Maicyra Leão

▶ Visita a uma velha senhora.
Fotografia. Colaboração: Krishna Passos, Manuela Eichner e Julio Callado
▶ Espanta. Fotografia.
Colaboração: Krishna Passos

Manuela Eichner

▶ O avesso da imagem. Fotografia
▶ Unanu. Vídeo. 12'

Otávio Avancini

▶ Casa, projeto pé de pé. Instalação

Rodrigo Braga

▶ Paisagens. Fotografia

Cristina Ribas

▶ Penetrável 21. Instalação
▶ Diário. Fotografia.
Colaboração: Hélène Delmonte

Domingos Guimaraens

▶ Poesia Paisagem. Fotografia.
Colaboração: Nadam Guerra
▶ (extra 2007) A gema do sol. Vídeo 7'

Flavia Vivacqua

▶ Travessia água. Performance.
Registro fotográfico: Rodrigo Braga
▶ Travessia água. Vídeo 7'30"
Câmera: Domingos Guimaraens
Edição: Nadam Guerra

Nadam Guerra

▶ Duas Terras. Vídeo 7'
Câmera: Domingos Guimaraens
▶ (extra 2007) ?como sair do buraco?
Vídeo 2'. Colaboração: Jaya Pravaz

mais informações e outras obras em

www.terrauna.org.br



Patrocínio



PETROBRAS

Apoio



conexão
artes
visuais
uma conexão petrobras

Realização



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte



Ministério
da Cultura

